

Vossa Mercê, você, vós, ou tu?
A flutuação de formas em
cartas cariocas
dos séculos XVIII e XIX

Andreza da Silva*
Lucia Rosado Barcia*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho investiga as estratégias de referência ao interlocutor - destinatário - utilizadas em cartas escritas no Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX. Parte-se dos resultados obtidos por Silva & Barcia (2002), em uma amostra tipologicamente distinta.

Tomando-se como ponto de partida outros trabalhos sobre o tema (cf. Lopes, 2001, Faraco, 1996, Cintra, 1972, Rumeu, 2001) e mais especificamente, partindo dos resultados obtidos no estudo de Silva & Barcia (2002) que se baseia em uma amostra constituída por peças teatrais portuguesas e brasileiras do mesmo período, pretende-se:

- a) verificar se as formas nominais e pronominais de tratamento identificadas no teatro são as mesmas que se localizam nas cartas cariocas escritas nos séculos XVIII – XIX;
- b) identificar os fatores lingüísticos e extralingüísticos que aceleraram o processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você* no português do Brasil, ocasionando sua inserção no nosso sistema pronominal;
- c) analisar, em um outro tipo de amostra, 1) se a forma original desenvolvida (*Vossa Mercê*) conserva, como concluem Silva & Barcia (2002), um caráter de cortesia e respeito, sendo utilizada, preferencialmente, nas relações de inferior para superior; e 2) se as formas pronominais *tu* e *você* são mais freqüentemente utilizadas entre membros de mesmo grupo social e em relações de superior para inferior.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E AMOSTRA UTILIZADA:

Partindo dos pressupostos teóricos da Sociolingüística Quantitativa de base laboviana, submetemos os dados ao pacote computacional de regras variáveis (Programas VARBRUL) que calcula as freqüências de cada fator postulado. Ressalte-se que para identificar as pressões sociais, estruturais e funcionais que atuaram na mudança de nosso sistema pronominal, procura-se integrar a perspectiva variacionista laboviana, discutida em Weinreich *et alii* (1968) e Labov (1994) a outros modelos formais e funcionais que discutem o fenômeno da gramaticalização (Hopper, 1991).

A partir da amostra do projeto PHPB-RJ (Barbosa, Callou & Lopes, 2000), utilizou-se um *corpus* constituído por 19 cartas escritas no século XVIII e 16 no século XIX.

* Alunas da UFRJ, bolsistas de iniciação científica PIBIC/CNPq, sob orientação da professora Célia Regina dos Santos Lopes, e participantes do Projeto PHPB-RJ / *Novas formas pronominais pessoais no português: percurso histórico*.

A dificuldade de localizar documentos escritos não-literários de priscas eras não nos permitiu constituir uma amostra completamente homogênea, mas há dois aspectos comuns a todo o *corpus*. O primeiro deles refere-se ao fato de serem *cartas escritas no Rio de Janeiro* por diferentes remetentes e o segundo seria a tipologia textual, uma vez que foram reunidas cartas pessoais enviadas a parentes (tios, netos, filhos) ou a amigos.

2. ANÁLISE DOS RESULTADOS

2.1 - As estratégias mais freqüentes nas cartas

Foram identificadas diferentes formas nominais e pronominais de tratamento nas cartas cariocas que constituem o *corpus* de análise. A tabela I apresenta a distribuição dos dados segundo as estratégias mais freqüentes de se dirigir ao interlocutor, seja ele filho, neto, tio, amigo, ou mesmo o próprio Rei, nos séculos XVIII e XIX.

<i>Formas utilizadas nas cartas</i>	<i>Você</i>	<i>V.M.</i>	<i>Tu</i>	<i>Outras Formas</i>	<i>Total</i>
<i>Número de ocorrências</i>	59	10	111	41	221
<i>Freqüência</i>	27%	5%	49%	19%	100%

Tabela I - Formas nominais e pronominais utilizadas nos séculos XVIII e XIX: todos os dados

Observa-se, a partir da análise da tabela I, que pelo caráter tipológico do texto — cartas pessoais — há um emprego significativo de *tu* (49%), forma de tratamento íntimo, que se opõe a outras formas de tratamento: *você* com 27%, outras formas (*Vossa Majestade* e *Vossa Excelência*) com 19% e *Vossa Mercê* com 5% apenas. Não foram localizados, na amostra de cartas cariocas, dados de *vós*: forma considerada arcaizante e provinciana, já no século XVIII, segundo Faraco (1996). Observem-se alguns exemplos das diferentes estratégias localizadas nas cartas:

(1) “Aí vão as novidades, que *vocês* virão achar em setembro na rua Farani: Júlio arrendou 13,20 m de terreno ao lado do nosso jardim com fundos até o alto do morro, compreendendo o que nos fica pelos fundos; abriu comunicação ao lado dos bambus do corredor...”.
(*Carta de Cristiano Benedito Ottoni a seus netos Cristiano e Misael, 1889*)

(2) “Pela Capitania do Espírito Santo me chegou uma carta de *V. M.* não me fazendo novidade a pontualidade deste seu obséquio por

ter conhecido sempre V.M. os honrados sentimentos que são próprios de produzirem estas ações e ainda que elas sejam em V.M. naturais nunca eu devo deixar de agradecê-las.” (*Carta do Marquês do Lavradio a seu amigo Sr. Antônio Cardoso Pizarro de Vargas, 1769*)

(3) “Meu primo, meu amigo e senhor verdadeiramente do meu coração, se *tu* bem conhecesses os trabalhos que me têm trazido consigo estes empregos para onde me tem conduzido o meu destino, não *arguirias* a minha falta de amizade.” (*Carta do Marquês do Lavradio a seu primo Sr. Antônio de Melo, 1770*)

(4) “Veja *Vossa Maggestade* com quanto, o querem comtentar os Povos secomtrinta arrobas que dam: pagam os dizimos dos quintos de *Vossa Maggestade*.” (*Carta de Felix Gusman M. Bueno a Sua Majestade, 1720*)

(5) “Meu tio e meu senhor do meu maior respeito depois que V.Ex^a partiu desta Capitania estes são os segundos navios que despacho, e é também a segunda vez que tenho a honra de ira à presença de V.Ex^a...” (*Carta do Marquês de Lavradio a seu tio Sr. Conde de Azambuja, 1770*)

(6) “*Vossa Excelência* perdoe meu Conde toda esta matraca, porém como esta encomenda também me veio remetida por *Vossa Excelência* seja sabedor do que determino praticar a respeito deste negócio.” (*Carta de Marquês do Lavradio ao Conde de Valadares, seu primo*)

2.2 – As diferentes estratégias em função das relações interpessoais estabelecidas

Diferentes formas de tratamento, como aponta Faraco (1996), eram habituais no tratamento não íntimo entre os membros da aristocracia e aparecem nas cartas para marcar um tratamento diferenciado entre pessoas que pertenciam a diferentes grupos sociais.

A tabela a seguir evidencia as freqüências de uso das formas de tratamento em função do destinatário da carta.

<i>Destinatário da carta</i>	<i>Você</i>	<i>V.M.</i>	<i>Tu</i>	<i>Outras Formas</i>
<i>Para o Rei</i>	0/0 0%	0/0 0%	0/0 0%	6/6 100%

<i>Para amigos/primos</i>	3/107 3%	10/107 9%	76/107 71%	18/107 17%
<i>Para tios</i>	0/0 0%	0/0 0%	0/0 0%	16/16 100%
<i>Para filhos</i>	36/37 97%	0/0 0%	0/0 0%	1/37 3%
<i>Para netos</i>	20/55 36%	0/0 0%	35/55 64%	0/0 0%

Tabela II – Uso das formas pronominais e de tratamento em função do destinatário da carta

Observa-se na tabela 2 que, embora as cartas sejam de caráter pessoal, são utilizadas formas de tratamento diferenciadas entre si a depender do tipo de relação social estabelecida entre o emissor e o destinatário. Nas cartas destinadas ao Rei e aos tios, em que há uma relação interpessoal assimétrica, é categórico o emprego das formas nominais de tratamento (*Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*). Como discutido em Rumeu (2001), “o exercício do poder conduz a uma assimetria nas relações interpessoais que, por sua vez, acarreta uma assimetria no tratamento entre os falantes”. Nota-se que nas cartas dirigidas aos amigos e primos (relações simétricas) há uma maior variação quanto à distribuição das formas, predominando o uso de *tu* — forma de tratamento íntimo — sobre as demais. É interessante notar que nas cartas mais íntimas (aos netos) as formas *você* (36%) e *tu* (64%) estão em concorrência com o predomínio da segunda sobre a primeira.

A tabela III a seguir sintetiza esses níveis de relações pessoais:

<i>Tipos de relação entre informantes</i>	<i>Você</i>	<i>V.M.</i>	<i>Tu</i>	<i>Outras formas</i>
<i>De superior para inferior (avô para o neto)</i>	56/92 61%	0/0 0%	35/92 38%	1/92 1%
<i>De inferior para superior (dirigida ao rei, ao tio, etc.)</i>	0/0 0%	0/0 0%	0/0 0%	22/22 100%
<i>Membros de um mesmo grupo social (entre amigos, primos, etc.)</i>	3/107 3%	10/107 9%	76/107 71%	18/107 17%

Tabela III– Uso das formas pronominais e de tratamento nas relações hierárquicas emissor-destinatário

Os resultados apresentados na tabela III evidenciam:

- a) Um uso mais freqüente de formas nominais – *Vossa Majestade, Vossa Excelência* – (100%) nas relações hierárquicas de inferior para superior;
- b) O predomínio do uso de *tu* (71%) entre membros de um mesmo grupo social;
- c) A forma vulgar *você* (61%) marcando a relação de superior para inferior, o que confirma o seu *status* de variante em processo de gramaticalização.

Nestes resultados, com base em cartas pessoais escritas no Brasil nos séculos XVIII e XIX, a distribuição das formas de tratamento de base nominal e pronominal em função do tipo relação hierárquica estabelecida é mais nitidamente delineável se comparada com a distribuição observada nos resultados das peças teatrais (Silva & Barcia, 2002). Para efeito de ilustração podemos citar as cartas do século XVIII produzidas no Brasil pelo Marquês de Lavradio. Nessas cartas é notório que a escolha do Marquês por uma determinada forma de tratamento dependia das diferentes relações sociais estabelecidas com seus destinatários. Ao escrever para seu filho, por exemplo, ele utilizava a forma *você*, mas quando se tratava de seu tio, a sua forma de tratamento preferida era *Vossa Excelência*.

(7) “Por diferente vezes depois que *V. Ex^a* partiu desta Capital, tenho procurado a honra do modo que me é possível de segurar a *V. Ex^a*, o meu profundo respeito e pedir-lhe a certeza de *V. Ex^a* se achar inteiramente convalidado dos incomodados da sua viagem, porém depois da primeira carta que recebi de *V. Ex^a* não tornou mais a ter a fortuna da repetição deste favor, o qual deseja que *V. Ex^a* sempre me permita a certeza de se achar inteiramente restituído a sua perfeita saúde.” (*Carta de Marquês do Lavradio ao Conde de Azambuja, seu tio, 1770*)

(8) “Permita-me *você* agora o grandíssimo gosto de servi-lo. Aceite a minha bênção, e a Deus fico pedindo lhe dê sempre as maiores felicidades. Deus guarde a *você* muitos anos como muito desejo e hei mister ” (*Carta de Marquês do Lavradio ao seu filho Conde de Vila Verde, 1775*)

2.3 – A distribuição das formas por período histórico

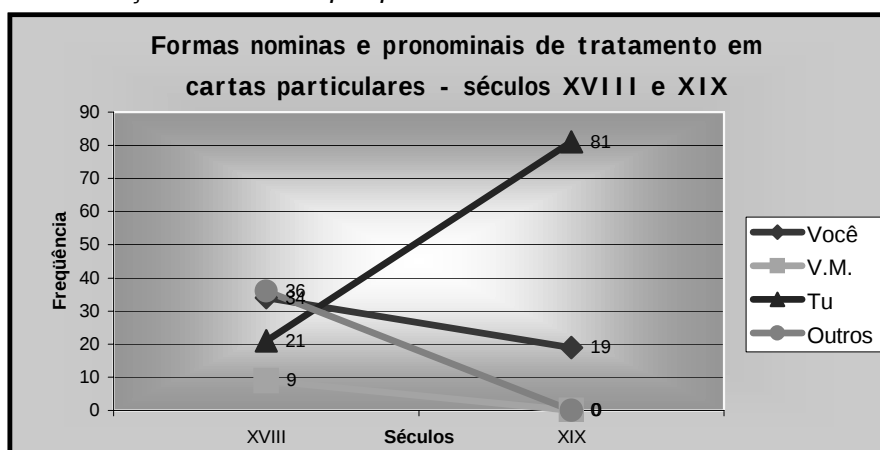


Gráfico I - Formas nominais e pronominais utilizadas nos séculos XVIII e XIX

Quanto à distribuição das formas nominais e pronominais por período histórico — como pode ser visto no gráfico I — verifica-se que no século XVIII há uma distribuição regular entre as principais formas utilizadas, predominando o uso de formas nominais (*Vossa Excelência* e *Vossa Majestade*) com 36% sobre as demais formas, respectivamente, *você*, *tu* e *Vossa Mercê*. Já na passagem do século XVIII para o XIX, observa-se um crescimento abrupto de *tu* (81%), ao passo que *você* apresenta uma ligeira queda (19%). Os outros recursos de referência ao interlocutor (*Vossa Mercê*, *Vossa Excelência* e *Vossa Majestade*) apresentaram índices próximos de zero.

2.4 – *Tu* x *você*: uma análise de regra variável

Mesmo não se tratando de variantes perfeitas no sentido laboviano, mas levando-se em conta o fato de em geral as duas formas poderem se intercambiar, foi feita uma análise de regra variável com o objetivo de verificar que fatores favoreceriam o uso de *você* em oposição a *tu*: formas mais frequentes no período analisado, principalmente, no século XIX. Foi tomado como valor de aplicação da regra o uso de *você*.

<i>Grupo</i>	<i>Fator</i>	<i>Oco.</i>	<i>Total</i>	<i>%</i>	<i>PR</i>
<i>Expressão do sujeito</i>	<i>Pleno</i>	49	68	72	94
	<i>Nulo</i>	10	103	10	14
<i>Período</i>	<i>Século XVIII</i>	39	64	61	98
	<i>Século XIX</i>	20	107	19	10
<i>Sexo</i>	<i>Masculino</i>	47	153	31	43
	<i>Feminino</i>	12	18	67	90
<i>Relação entre emissor - destinatário</i>	<i>Relações pessoais de amizade (amigos, primos, etc.)</i>	3	80	4	03
	<i>Relações íntimas de família (avós, netos)</i>	20	55	36	99

Tabela IV. - Uso de “*você*” vs. “*tu*” em cartas particulares dos séculos XVIII e XIX : uma análise de regra variável

Em relação ao primeiro grupo de fatores selecionado - expressão do sujeito - pode-se observar que *você* apresenta maiores índices como sujeito pleno, ao contrário de *tu* que ocorre preferencialmente nulo. Por originar-se de uma forma nominal de tratamento (*Vossa Mercê*) que leva o verbo para a 3ª pessoa (forma não-marcada), a explicitação do sujeito torna-se indispensável com a forma gramaticalizada *você*.

Quanto ao período de tempo, nota-se, como constatado no gráfico 1, a predominância do uso de *você* no século XVIII, enquanto que no século XIX a forma *tu* é a mais frequentemente empregada.

Observa-se que o terceiro grupo de fatores selecionados - sexo - mostra que os homens utilizam predominantemente a forma *tu*, ao passo que as mulheres, empregam mais a forma *você*. Ressalte-se, entretanto, que em nossa amostra há um enviesamento dos dados, pois as cartas de autoria de mulheres são de apenas uma remetente - Bárbara Balbina de A. M. Ottoni - que escreve aos netos no final do século XIX.

O quarto grupo - relação entre emissor-destinatário - evidencia que a forma *tu* suplanta o uso de *você* tanto nas relações pessoais simétricas de amizade (amigos, primos, etc.) quanto nas relações íntimas de família (avós, netos). Todavia, verifica-se que a forma *você*, uma variante em vias de gramaticalização, ocorre preferencialmente nas relações íntimas de família, marcadas, ainda, por uma relação assimétrica (superior-inferior), basicamente, entre avô e neto e entre pai e filho (.99). O caráter de uma certa reverência ou respeito advindo da forma original *Vossa mercê* ainda não se tinha perdido por completo na variante vulgar *você*.

2.5 – A inserção de *você* no sistema pronominal no século XIX: uma forma em vias de gramaticalização

Embora a frequência do uso de *você* seja maior no século XVIII, como observado na gráfico 1 e na análise de regras variáveis, defende-se aqui que é no século XIX que tal forma começava realmente a se integrar ao nosso sistema pronominal. Tal constatação deve-se ao fato de verificarmos que somente no século XIX *você* começa a se relacionar com co-referentes de 2ª pessoa (*tua/teu/vosso(a)*) atingindo índices de ocorrência bem elevados (42%). Antes disso, no século XVIII, o uso de co-referentes de 3ª pessoa (*seu, sua*) é categórico com *você*, como pode ser visto no gráfico 2. Dentro dos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991), pode-se dizer que *você* estava num processo de *decategorização* na medida em que começa a assumir atributos da categoria-destino (pronome de 2ª pessoa), perdendo ou neutralizando as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas da categoria-origem, no caso, nome que se combina a formas de 3ª pessoa.

Nos exemplos (9) e (10) podemos verificar o emprego de *você* com um co-referente de 2ª pessoa e no exemplo (11) observa-se o uso de *você* com um co-referente de 3ª pessoa:

(9) A vossa cartinha (...) que vocês virão achar em setembro na rua Farani. (*Carta de Cristiano Benedito Ottoni a seus netos Cristiano e Misael, 1889*)

(10) Nós também temos muita saudades dele, de *ti*, de *teu* irmão, de *tua* mãe... Bebê me diz que *você* come bem. (*Carta de Cristiano Benedito Ottoni a seu neto Misael, 1880*)

(11) Por ver que *você* não se esqueceu de *sua* dindinha. (*Carta de Bárbara Balbina de A.M. Ottoni a seu neto Misael, 1885*)

Gráfico II –Co-referencialidade da forma de tratamento *você*

3 - Considerações finais:

Verificou-se, em suma, que as formas nominais e pronominais de tratamento identificadas nas cartas particulares cariocas escritas nos séculos XVIII e XIX são as mesmas que se localizam nas peças teatrais portuguesas no mesmo período (Silva & Barcia, 2002). Tal resultado sugere que a escrita padrão no Brasil teria se encaminhado para uma maior rigidez, ao contrário da língua falada, num processo de lusitanização da norma culta no Brasil, que teria tomado corpo no final do século XIX e se intensificado no início do século XX (Pagotto, 1998).

Observou-se, por fim, que a forma *tu* é a mais freqüentemente utilizada tanto nas relações simétricas de amizade quanto nas relações íntimas de família, ao passo que a forma gramaticalizada *você* é utilizada, preferencialmente, nas relações íntimas de família marcadas por uma relação assimétrica (superior-inferior), como por exemplo, entre avô e neto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARBOSA, Afranio Gonçalves, CALLOU, Dinah & LOPES, Célia Regina dos Santos. (2002). *Corpora* diacrônicos do projeto Para uma História do Português Brasileiro – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. www.letras.ufrj.br/phpb-rj
- CINTRA, Luís Lindley (1972). “Formas de Tratamento em português”. *Separata da Revista Lusitana*, vol. xxix, Porto.
- FARACO, Carlos Alberto (1996). “O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica.” In: *Fragmenta 13*, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, Editora da UFPR.

- HOPPER, Paul (1991): "On some principles of grammaticization", in: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd. (eds.): *Approaches to grammaticalization*, Volume I, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company.
- LABOV, William (1994): *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Oxford, Blackwell.
- LOPES, Célia Regina dos Santos (2001). "Processo evolutivo de "Vossa Mercê" > "Você" (português) e "Vuestra Merced" > "Usted" (espanhol)". Trabalho apresentado no II Congresso Internacional da ABRALIN-Associação Brasileira de Linguística. Fortaleza.
- PAGOTTO, Emílio (1998). Norma e condescendência. ciência e pureza. In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, 2, 49-68.
- RUMEU, Marcia Cristina de Britto (2001). *Reflexões acerca da pronominalização de Vossa Mercê na língua portuguesa*. Monografia apresentada no curso História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Letras Vernáculas/Mestrado em Língua Portuguesa/Faculdade de Letras da UFRJ, mimeo.
- SILVA, Andreza & BARCIA, Lucia Rosado (2002) " Formas nominais e pronominais de tratamento nos séculos XVIII e XIX". Trabalho apresentado na XXIII Jornada de Iniciação Científica e XIII Jornada de Iniciação Artística e Cultural. Rio de Janeiro.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin, (1968): "Empirical foundations for a theory of language change", in: LEHMANN, W & MALKIEL, Y., (eds.): *Directions for Historical Linguistics*, Austin: University of Texas Press, 95-188.